

# 3x TRÊS POR QUATRO

Jornal Laboratório da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS - 1999/1

Porto Alegre, Agosto de 1999 - Distribuição Gratuita - Tiragem: 500 exemplares

## Enquanto isso...

*Um bar sem preconceito*



página 3



*Porto Alegre também tem seus pixotes*

página 5



página 4

*Baltimorre*

*E o mercado fonográfico gaúcho?*

página 7



*Um grande vazio na força*

página 4



# Editorial

**fabiano burkhardt**

## Doeu, mas o segundo saiu

"Já não somos como na chegada / Calados e magros, esperando o jantar" – Gilberto Gil, *Miserere Nobis*

Doeu, mas saiu. Apesar de todos os atrasos e da debandada geral do final do semestre (que está mais longo do que nunca), conseguimos terminar mais um 3x4. Na verdade, é um 2x4. Por causa das dificuldades que tivemos naquela primeira experiência, este aqui está um pouquinho menor: cortamos quatro páginas. O pessoal do MEC (aquela turma que pergunta o que é globalização, dá quatro linhas pra responder e acha que está avaliando alguma coisa) não vai gostar muito, mas enfim, paciência. O que importa é que o 3x4 saiu, e o MEC pode colocar nas estatísticas do provão que a Fabico produz dois jornais por semestre na disciplina de Redação Jornalística IV e a qualidade do curso está aumentando. Piada por piada, a deles ainda é melhor do que a nossa. (E é pra rir?)

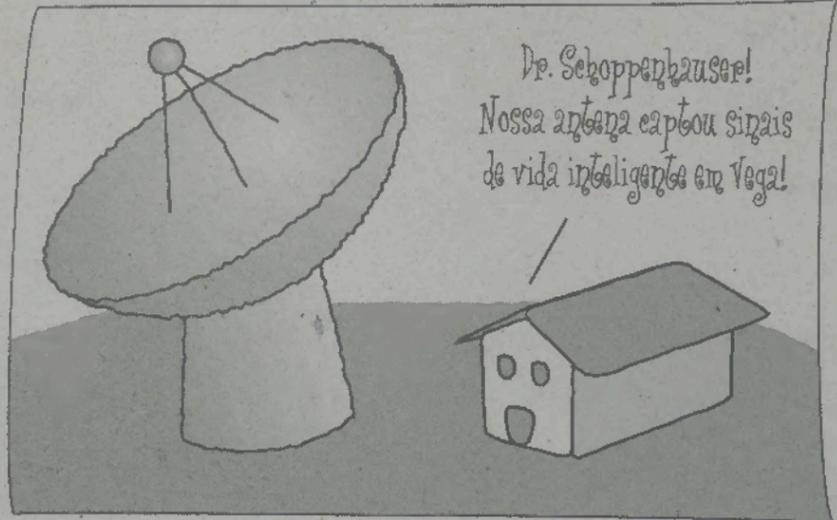
Neste jornal, novamente procuramos fazer uma coisa diferente do que se vê por aí, tanto nos textos quanto na escolha das pautas. Pelo que vimos na edição

passada, isso até que tem dado certo, porque as críticas que ouvimos ao jornal foram realmente muito boas. Claro, também tem as críticas que nós não ouvimos, mas sobre estas, evidentemente, preferimos não falar. Enfim, o 3x4 foi o nosso momento de produzir alguma coisa que achamos interessante sem qualquer preocupação com o mercado (o grande deus Mercado) ou quaisquer outras bobagens. Não se iluda, caro leitor, não temos compromisso algum com você.

Estamos caindo fora. Entramos numa espécie de projeto Caras Novas, só que trocando todo mundo, inclusive o Lasier e a Cristina Ranzolin – isso no que se refere ao 3x4. No semestre que vem, boa parte do pessoal que fez este jornal estará fazendo a Sextante, que é, junto com a monografia, um dos últimos trabalhos que ainda serão realizados antes da formatura. Aí, o problema maior vai ser decidir o que fazer com o diploma – ele vai pegar poeira na parede do quarto, ou na parede da sala? Mas não, isso não tem importância, pelo menos por agora, enquanto ainda esperamos que nos seja servido algum jantar.

## contato

por Shiva Mahaii



## Que porcaria

**eduardo lima silva**

Noticiou-se recentemente. Há um ano, em um hospital britânico, um rim foi doado com a condição de ser transplantado apenas em brancos. A imposição teria partido dos familiares do morto. Na Inglaterra, o assunto desencadeou uma discussão ética, que deveria ocorrer no resto do planeta, inclusive no Brasil, pois globalização também pode ser para isso.

O acontecimento causa horror por unir, como a cobra que morde o rabo, os problemas de equacionamento de dois tipos de males da humanidade. Numa ponta, uma primitiva doença social, o preconceito entre raças. Na outra, a mais avançada técnica de solução das moléstias físicas do homem, o transplante de órgãos. Uma ligação tenebrosa, mas também patética.

Voltando ao nosso país, onde as leis de transplantes já sofreram diversas idas e vindas para no fim valer, como na Grã-Bretanha, a vontade dos parentes do falecido, poderíamos imaginar inúmeras situações curiosas. A família de um rapaz neonazista não permitiria a doação de órgãos para um retirante nordestino. Os gremistas não admitiriam ver seus corações batendo nos peitos de colorados. Ou esses na relação com os torcedores do

Juventude e assim por diante em todo o país. Mais, ninguém doaria o músculo cardíaco para os simpatizantes do íbis ou do Fluminense. Os não-fumantes então, deixariam expresso nos testamentos que seus pulmões em hipótese alguma deveriam ser utilizados para transplantes nos viciados em nicotina. E a maior preocupação dos ditos machões é que algum clodovil da vida recebesse qualquer dos seus órgãos. Pior ainda, o que diriam os petistas se sonhassem que seus fígados poderiam acabar servindo para que neoliberais vomitassem sua bilis? Os chistes sobre o assunto são infinitos mas demonstram o quanto de possibilidades de segregação, rivalidade e discriminação ainda existem na nossa democracia. Contudo, os problemas para aqueles que não desejam ver seus órgãos em outros seres humanos só começaram.

Em 96, o *Food and Drug Administration* (espécie de vigilância sanitária dos Estados Unidos, só que eficaz) autorizou o uso experimental de órgãos de porcos transgênicos. Caso estes procedimentos venham a ter bons resultados, as preocupações dos preconceituosos irão além-túmulo, afinal, eles devem ter espíritos de suínos. E os porcos que me perdoem por mais essa pequena discriminação.

## Expediente

### X TRÊS POR QUATRO

O *Três x Quatro* é o jornal laboratório produzido na disciplina Redação IV do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Participaram desta edição: alexandre schossler, andré berquó, angélica freitas, daniel quevedo, daniela machado madeira, daniela siqueira, daniela cunha, eduardo buss, eduardo lima silva, fabiano burkhardt, gustavo cunha, luciano gallas, maísa del frari, marco benites, marcelo soares, patricia gondim, taís esteves.

#### Editor-Executivo

fabiano burkhardt

#### Editores

angélica freitas e eduardo lima silva

#### Diagramação e Projeto Gráfico

andré berquó, daniel quevedo, eduardo lima silva

#### Revisores

eduardo lima silva, fabiano burkhardt e luciano gallas

#### Coordenação

professor carlos leite

#### Impressão

gráfica da ufrgs

# Um bar sem preconceito

**fabiano burkhardt**

*Bar Naval, no Mercado Público, o refúgio da culinária politicamente incorreta*

Os tempos áureos da Rua da Praia, a Rua da Praia do Aporelly, já passaram há muito. Há lugares em que da antiga Porto Alegre não sobrou nem o calçamento das ruas. Nem o velho Mercado foi poupado. Mas há quem resista, sim. Em um dos cantos do Mercado Público, uma pequena tabuleta anuncia, a despeito do McDonald's e da Pizza Hut: "Hoje: o terror gastronômico, aqui no Naval! A Terrível Feijoada e o Violento Mocotó!"

Como quase todos os bares do Mercado, o Naval não é muito mais do que um corredor estreito onde puseram algumas mesas e cadeiras. Ao que parece, foi fundado no início do século e conseguiu guardar no seu interior alguns fragmentos daquela época. Depois da reforma do Mercado, a maioria dos bares e pequenas lojas perdeu suas características originais, e muitos deles chegaram a desaparecer. A grande façanha do Naval é continuar existindo no ambiente asséptico do pós-reforma.

Paulo Naval é garçom do bar que leva seu nome há mais de quarenta anos, desde que veio de Santiago (a gaúcha, não a chilena) para Porto Alegre. Poeta nas horas vagas, mostra seus versos nas

horas de trabalho. As paredes do bar estão sempre cobertas pelos poemas manuscritos de Naval. São pequenas homenagens à cidade que escolheu para viver, às suas ruas e, principalmente, às suas mulheres.

- Vai um bolinho de bacalhau?

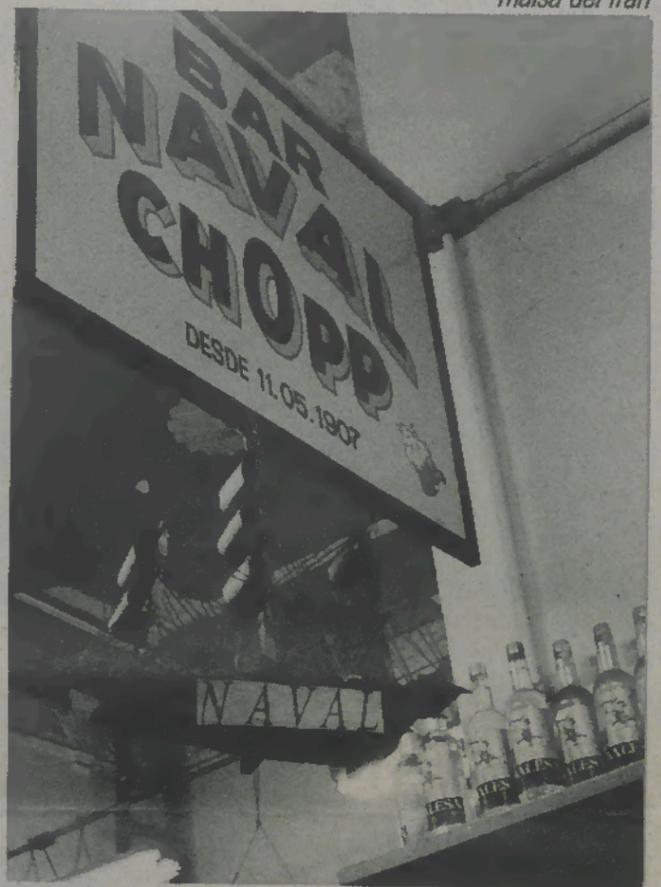
Não, a culinária do Naval não é para estômagos fracos.

- É bolinho de bacalhau, mas tem gosto de bagre.

Como?

- Bolinho de bagrilhau, nossa especialidade.

O bagrilhau é um peixe largamente encontrado no Guaíba, a julgar pela quantidade de derivados de sua carne encontrados no Mercado Público: Apesar disso, é pouco conhecido, ao contrário de seu parente do Atlântico Norte. Aparentemente, o bagrilhau não desfruta de grande prestígio entre os consumidores de sua carne, pois a maioria dos bares prefere dizer que o bolinho é mesmo de bacalhau. De qualquer forma, uma das grandes



*maísa del frari*

*Quartirão perdido: Até Grande do Sul*

qualidades do Naval sempre foi a sinceridade.

- A pimentinha é por conta da casa.

Circulam lendas e boatos em torno dos frequentadores do bar. Diz-se que o governador Olívio Dutra, quando ainda era prefeito de Porto Alegre, não deixava de dar uma passadinha no balcão do Naval antes de ir para casa. Aliás, tem até uma foto dele na parede.

Quem vai ao Naval, sempre acha alguma coisa pra comemorar.

- Hoje a champanha é por minha conta!

A simpatia é a marca do freguês costumaz do Naval.

- Mas um gole pra cada um, que eu comprei só uma garrafa!

Nem tanto, nem tanto. Mas não tem lugar melhor pra se tomar um trago de graça do que no Naval.

E o chope? O chope é a especialidade do Naval. Sempre da Brahma, fielmente.

- Preto ou branco?

O Naval é um bar sem preconceitos.

Naval, o garçom, reclama que a reforma afastou muitos dos antigos frequentadores do Mercado. Não melhorou?

- Não, muita gente que vinha aqui antes agora não vem mais.

Não melhorou nada?

- É, agora está mais limpo. Mas não é mais o mesmo Mercado.

Mas ainda tem o velho cheiro de peixe, não?

Tem, o Mercado é sempre o Mercado, não importa quem frequente. A diferença é que até o cheiro de peixe ficou restrito a um canto. Até o tamanho das mantas de charque e bacalhau diminuiu. E não se vê mais nenhum boteco vendendo ovo em conserva (o ovo em conserva era uma das maiores provas da virilidade do homem gaúcho; apenas os fortes passavam ilesos por ele).

O novo Mercado parece um shopping center de produtos exóticos. E, na rabeira de uma estranha praça de alimentação, o Naval continua resistindo com armas poderosas: a Terrível Feijoada e o Violento Mocotó.



*O chope: Da Brahma, fielmente*

# The end para o Baltimore

patricia gondim

## O cinema fecha as portas até o final do ano

O Baltimore está com seus dias contados. Até o final do ano, as quatro salas da Osvaldo Aranha serão desativadas e o complexo vai fechar as suas portas. O fim do Baltimore é o golpe de misericórdia sobre os amantes dos cinemas de bairro, e marca o fim de uma época onde ir ao cinema era um acontecimento social e uma experiência cultural. O prédio já foi comprado, mas os funcionários não sabem qual o futuro da casa. Se tiver sorte, pode se transformar em templos religiosos ou bingo, como o Avenida. Ou pode ainda ter o destino do ABC e do Astor, e se tornar um grande depósito de móveis quebrados.

Era apenas uma questão de tempo. Poltronas quebradas, áudio e imagem de péssima qualidade, goteiras, cheiro de mofo e a insegurança da Osvaldo Aranha desafiam a disposição ferrenha de alguns espectadores em sair de casa e se dirigir ao velho cinema. Inaugurado em 1931, o prédio, que já foi a casa do cultuado Bristol, em nada lembra o passado de sucesso. Apresentando apenas filmes comerciais, o Baltimore já exibiu sessões para até quatro pessoas. Não resistiu à competição contra as modernas salas multiplex dos shopping centers e os filmes de arte das salas alternativas. Mais do que isso, não resistiu à falta de reformas e inovações tecnológicas.



maísa del frari

Fim do filme : Ameaça concretizada

Sinal dos tempos? Com o fechamento do Baltimore, praticamente encerra-se o ciclo dos grandes cinemas de bairro. A década de 90 viu o fim do Marrocos, Capitólio, São João, Avenida, ABC, Cacique, Scala, Coral, Lido e Astor. Resistem ainda o Guarany, o Imperial e o Victoria, com duas salas, todos no centro da cidade. Ao mesmo tempo, surgiram as grandes salas dos shoppings, que contam com os mais modernos sistemas de exibição, e as pequenas salas alternativas que exibem filmes fora do circuito comercial, como as da Casa de Cultura Mário Quintana, a Sala Redenção e a P.F. Gastal, da Usina do Gasômetro. Na contramão desta tendência, surgiu o Guion, uma versão anos 90 do antigo Bristol que ocupava o local onde agora fica o Baltimore 3.

Já se culpou as distribuidoras de filmes, o videocassete e as salas dos shopping centers pelo esvaziamento dos cinemas de bairro. Mas boa parte da responsabilidade também deve ser creditada à falta de investimento dos proprietários. Não apenas pelo atraso tecnológico da parte técnica, mas pelo descaso com que foram tratadas questões simples como manutenção e limpeza. O fato é que o Baltimore vai deixar saudades. Não da maneira como ele está agora. Mas por tudo o que representou para uma geração da cidade que encontrava no velho prédio da Osvaldo Aranha um ponto de encontro para ver, curtir e discutir cinema.

## Um tremor na força

gustavo cunha

Que *Star Wars – Episódio 1* não seria nem um pouco parecido como os outros três episódios da saga imaginada por George Lucas em 1977, todo mundo já sabia. O que não se esperava é que o filme, tão aguardado e comentado, seria uma bomba tão grande. O novo *Star Wars* tem muitos e impressionantes efeitos especiais, mas não tem o brilho dos outros episódios.

Qual é o problema de *A Ameaça Fantasma*? Vários, a começar pelas estrelas principais da superprodução: os efeitos especiais. Pipocando por toda parte, eles são – literalmente – demais, mesmo para um filme de ficção científica. Nos episódios anteriores, os efeitos especiais eram estrelas, sim, mas não atrapalhavam o desenrolar da história. Agora é diferente. Algumas cenas são especialmente concebidas para que se enfie no espectador, goela abaixo, toneladas e mais toneladas de imagens digitais. Chegou-se ao cúmulo de colocar na tela, sem a mínima necessidade disso, um personagem inteiramente digital: *Jar Jar Binks*. Mas o lagartão é mal coado à telã, não consegue passar ao

espectador a impressão de estar realmente lá. É uma pena, principalmente para os que esperaram dezesseis anos pela volta da *Força*.

A impressão que se tem ao assistir esse novo filme é de que a profusão de efeitos especiais serve para distrair o espectador, não deixando que ele preste atenção à história, que é mal resolvida, mesmo tendo todos os componentes para se tornar o melhor roteiro já escrito para a série. Na trama, há uma guerra pelas rotas comerciais, intrigas políticas que levarão a um futuro golpe de estado. Isso por si só já daria uma grande história de ficção científica. Além de tudo isso, o público ainda seria brindado com mais uma visão do universo de Lucas: lutas de sabres-de-luz, cavaleiros *Jedi* lutando contra as mais estranhas criaturas e – o melhor de tudo – *Darth Vader*, ainda como *Anakin Skywalker*, destinado a trazer equilíbrio à *Força*. Tinha tudo para dar certo... Mas não deu.

*A Ameaça Fantasma* não consegue equilibrar a narrativa, veloz como um jogo de vídeo game, com a

riqueza de personagens como *Han Solo* (Harrison Ford) e o antigo *Obi-Wan Kenobi* (Alec Guinness). Não há, nesse *Episódio 1*, nenhum conflito dentro dos personagens, qualquer coisa que lhes traga a uma condição mais humana, como acontecia na antiga trilogia. Liam Neeson até que se esforça – e quase consegue dar um pouco de conteúdo a seu personagem, *Qui-Gon Jinn*. Apesar de ser apenas um boneco, *Yoda*, o pequeno mestre *Jedi*, contracenava melhor com Neeson do que Jake Lloyd, o pequeno *Anakin*. Mas uma grata surpresa acaba ficando por conta do vilão *Darth Maul*, interpretado por Ray Park. Nas poucas cenas em que aparece, o novo *Darth* tira o fôlego do espectador apenas com a expressão dos olhos.

A expectativa de que uma nova legião de adoradores de *Star Wars* pudesse vir a surgir com esse novo filme infelizmente vai cair por terra assim que um novo personagem digital sem consistência vier tomar o lugar de *Jar Jar Binks*. Pior do que um tremor, o que se sentiu ao redor do mundo na estréia desse novo *Star Wars* foi um grande vazão na *Força*...

# Porto Alegre tem seus Pixotes

luciano gallas

*Garoto assiste ao filme de Babenco e conta suas impressões*

reproduções do filme

Fernando apóia o queixo com as mãos, olhos fixos no filme. Está sentado em uma velha cadeira de madeira. Uma das poucas deste tipo naquela sala de aula. As demais, dispostas desordenadamente, são de ferro e fórmica, bem mais novas. Não há classes. A porta da sala tem uma fileira de tijolos para evitar que a água de uma chuva mais forte entre. O local é mais baixo que o pátio. No canto, sobre um armário de madeira, uma TV de 20 polegadas. Dentro do armário, um videocassete de quatro cabeças. Os dois equipamentos são novos. Uma grade de ferro, sem cadeado, parece ter sido um dia utilizada para fechar este armário.

-Aí eles 'tão na Febem?, pergunta logo no início de *Pixote, a lei do mais fraco*. Fernando só esteve na Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor uma vez, para jogar futebol. Estudava em um colégio interno do bairro Juca Batista. Tinha 9 anos.

Por ter lábios grossos, recebeu dos colegas o apelido de "Beicho". Viveu até um ano e meio de idade com os pais e a irmã. Morava no Morro do Ipê. A partir desta idade, um casal passou a cuidar dele. Vive atualmente com estes pais adotivos na Alameda, próximo ao Presídio Central. Tem hoje 13 anos. A mesma idade do protagonista da história. Mesma idade também que o garoto que representou o papel tinha na época do filme.

-Tu ainda tens contato com os teus pais?

-Graaaças a Deus que não! Posso falar abertamente? Minha mãe era puta, vagabunda, vivia e trabalhava em boate. Então me deixava praticamente jogado 'num buraco. P'ra quê que eu ia querer aquilo? O que eu menos quero é manter contato com a minha antiga família. Eu tenho pais adotivos que me amam, né!?

A irmã, um ano mais velha que ele, está na Febem. A mãe, -Biscateando

por aí, fazendo alguma coisa. Fernando tem uma estatura pequena, porte franzino, pele bem morena. Cabelo preto crespo penteado para trás. Parece um pouco perdido na seqüência do filme. -Não entendi a moral daquele cara dando choque. Refere-se à cena em que internos de uma instituição para menores delinqüentes brincam, simulando um interrogatório policial com sessão de tortura.

Outras cenas também produzem reações e comentários: -Puuh!, quem é que fez isso?!, quando o personagem Fumaça aparece morto em meio ao lixo; -Bah!, que sem-vergonha!, quando o diretor da instituição mente sobre a morte daquele; -Tri troxa!, quando o interno acusado injustamente desta morte entrega sua faca aos monitores. A atenção de Fernando para o filme aumenta quando os menores se revoltam e realizam um motim. Na cena da fuga, um personagem com perna mecânica desiste de acompanhar os outros. -É troxa!, exclama Fernando. "Babaca", é o que diz outro personagem para o desistente.



Vestindo calça e casaco de abrigo azuis, Fernando conta que estava cheio de infecções pelo corpo quando passou a viver com seus pais adotivos. Ele diz que era um "rato", que seu pai certa vez quase sentou em cima dele. Falante e de excelente



expressão, afirma que logo depois de nascer foi entregue a uma instituição para ser criado. Com pouco mais de um ano, sua mãe voltou a pedir sua guarda. A mãe passava as noites na rua. Segundo ele, algumas vezes os vizinhos "jogavam" uma mamadeira.

Quando o filme mostra uma cena em que Pixote e outros personagens tentam vender cocaína, Fernando diz saber como se prepara a droga para a venda, e como ela é consumida.

-Ó!, primeiro pega-se um prato, um prato, sabe, qualquer, desde que seja lisinho. Vidro, vidro! Bota-se ele no fogo, deixa esquentar por uns cinco minutos. Então, eles pegam e botam ali, no prato, o pozinho que é uma pedra, né!? Eles desmancham e botam ali no prato. Depois, eles pegavam um

pouquinho, sabe, com cada colherzinha, botavam ali dentro (de sacolas de supermercado cortadas em círculos) e enrolavam. Dava uma bisnaguinha assim. Daí eles enrolavam ali, botavam *durex*. E cada ali valia dez *pila*.

-E como é que se usa?

-Eles pegavam e desenrolavam o pacotinho, aí eles botavam 'numa carteira, assim, uma coisa reta, um cartão telefônico, alguma coisa assim, um *tabuinha* reta, bem lisa e que não tenha felpa, e aí eles pegavam e enrolavam uma nota. Pegava um cartão e fazia uma carreirinha aqui, carreirinha aqui, aqui. E depois botava um pouquinho só dentro do nariz, pegava e (aspira o ar) ia cheirando até o fim, sabe. Dá um gostinho amargo! E até esse meu pai aí me dava o conselho de não usar. Ele só vendia, mas não era p'ra usar aquilo lá.

Do filme, Fernando afirma ter gostado. -Porque ele mostra uma realidade, não mostra uma mentirinha como Branca de Neve e os Sete Anões. Reclama de filmes como *O Rei Leão*, que o internato onde ele vive durante a semana exhibe. -Eu acho que alguém da minha idade tinha que poder ver esses filmes aí (referindo-se à *Pixote*). Lembra que alguns dias antes havia assistido *Para Sempre Emanuelle* (novela francesa erótica) na TV. Segundo ele, nada do que *Pixote* mostrou foi exatamente novidade. E finaliza, serenamente:

-A gente tenta alcançar aquele objetivo. Não deu, não deu!, não posso fazer nada! Agora, pelo menos eu tentei e o outro não tentou. O grande derrotado é o que não tentou, não eu. Não 'tô me sentindo derrotado, e nem revoltado. Eu só quero que alguma coisa mude.

## Um teto seu angélica freitas

### Toque fogo na imobiliária

Certo, vituperarei contra as imobiliárias, essas meras atravessadoras do espaço doméstico. A exatidão de seus cálculos, a simpatia de seus atendentes, que só mostram a arcada dentária ao abocanhar nossos poludos cheques, ah... As plantas! As cortinas bege! O sofazinho de espera! E o que nos espera? Mesmo que não se leia "volte sempre" no capacho invariavelmente gasto da porta, você sabe que voltará sempre, com o comprovante de pagamento numa mão e uma luva de boxe na outra.

Eu quase fui embora com o Circo Orlando Orfei, porque a minha imobiliária me fez tanto de palhaça que eu já tinha uma certa quilometragem na profissão. Nada contra o Carequinha. Mas foi dureza convencer as carismáticas aluguel-girls de que havia duas goteiras no meu minúsculo apartamento (um JK disfarçado de apê de 1 quarto). Uma das moças até se mostrou mais compreensiva, e por isso eu a chamo de Disapel. Porque ela é, disparado, a mais simpática. Só que ela não pôde me ajudar, enredada nas malhas da burocracia imobiliária que está. Disapel, se você estiver me lendo: fuja enquanto é tempo! Quando lhe passarem para a contabilidade, vai ser muito tarde. Ao descobrir o gostinho de ganhar dinheiro para os outros, nem Deus poderá contra você.

A Avon e a Jimo desconhecem a fusão que estão perdendo. Uma linha de produtos Avimo, ou Jivon, seria amplamente consumida pelo ramo imobiliário. Como manter a pele tesa ao confronto com o consumidor, esse desconhecido? Isto não será problema para aqueles que se besuntarem diariamente com a loção *Imobilié* (pour homme, e *Imobiliée*, pour femme), que combina um imobilizador facial com fluidos anticupim. Por que Avon? Porque é mais popular. Afinal, os empregados da imobiliária é que precisam se ver com a ira dos locatários, e empregado de imobiliária é pobre. Rico é o dono, mas alguém já viu um dono de imobiliária em carne (digo, pau) e osso? O Seu Coisada nunca está.

O Seu Coisada está numa naice com o seu mãnei. É, o seu mesmo, não o dele.

A história das goteiras se estancou num dia diluviano, em que eu passei despejando baldes d'água (e foram muitos) no vaso sanitário. Eram duas cataratas de Iguaçu no meu lar. Só faltava uma excursão de turistas vestidos de amarelo. Chamei pela ducentésima vez o zelador, que se apiedou da flagelada do Bom Fim aqui. E ele deu uma guaribada nas telhas, de modo que não chove mais lá em casa.

Se fosse pela imobiliária, eu poderia trocar a minha cama por uma câmara pneumática. De trator. Sim, porque pelo menos isso bôia.

Aos piromaníacos que acompanharam este texto até aqui: tocar fogo na imobiliária parece uma boa idéia; pena que dá cadeia para a maioria dos mortais. Existem mil maneiras de fazer a sua imobiliária sofrer. Invente uma. Eu tenho fé que um dia a classe imobiliária todinha vai partir desta para o quinto dos infernos. Lá, parece, não se cobra aluguel.

## Futuro diferente

daniela cunha e tais esteves

### Empresa de informática aposta em jovens carentes

"Mudou praticamente tudo na minha vida". É assim que Paulo Sérgio Rodrigues, de 18 anos, define sua experiência na escola da Parks, empresa de informática integrante do Projeto Pescar.

Dar formação profissional gratuita para adolescentes carentes - através de escolas técnicas instaladas nas empresas - e depois encaminhá-los ao mercado de trabalho, é o objetivo do Projeto criado no ano de 1976 por Geraldo Tollens Linck, diretor-presidente da Linck S/A - Equipamentos Rodoviários Industriais.

A idéia de criar o Pescar surgiu quando Linck viu um menino assaltando um idoso no centro de Porto Alegre. Impressionado com a cena, ele decidiu que precisava interferir naquela realidade. O Projeto surgiu de uma idéia contida em um provérbio: "Se queres matar a fome de alguém, dê-lhe um peixe. Se queres que ele nunca mais passe fome, ensina-o a pescar."

Primeiramente, o Projeto Pescar foi implantado na Linck. Após dez anos de sucesso, começou a funcionar em outras empresas sob a coordenação e assessoramento dela. Hoje, 30 empresas em todo o Brasil têm escolas do Pescar.

A Parks Informática, de Porto Alegre, é uma dessas empresas. Ingressou no Pescar em 1996 e, no final do ano passado, formou a quinta turma de alunos, totalizando 58 adolescentes. Seguindo os princípios religiosos do diretor-presidente, a Parks sempre esteve ligada às questões sociais e viu no Pescar a oportunidade de resgatar a cidadania de meninas e meninos de 14 a 18 anos.

O curso oferecido pela empresa é de técnico profissionalizante em eletricidade, eletrônica e informática. Os alunos aprendem sobre o funcionamento das placas de computador. Desde a solda até a montagem dos componentes. Ficam capacitados para trabalhar em empresas de eletrônica, nas áreas de manutenção e montagem.

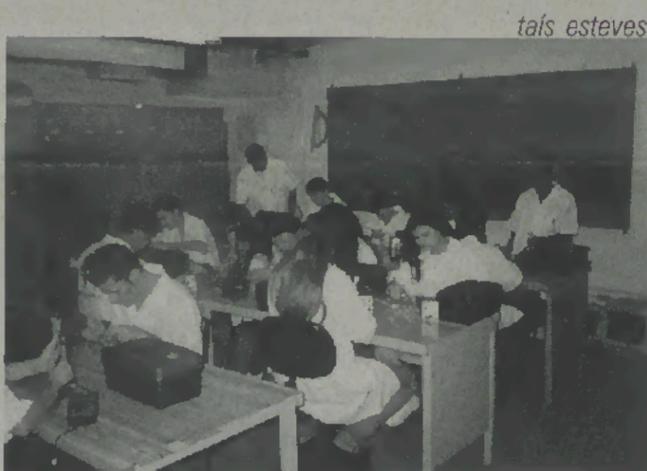
As aulas acontecem pela manhã e, à tarde, desenvolvem-se atividades práticas em diversos setores da empresa. Isso proporciona experiência em áreas diversas do curso, como em vendas e almoxarifado, e amplia mais ainda as futuras possibilidades de emprego.

Além do ensino, os alunos recebem vale-transporte, refeição e acompanhamento odontológico, médico e psicológico. Mas, para eles, a escola oferece muito mais que aprendizado teórico e prático. Nela, conquistam respeito enquanto indivíduos, reforçam a auto-estima e a opinião própria. Emerson Luís Franco, de 15 anos, diz: "Aqui eu aprendi a me relacionar com as pessoas". Algo que pode ser percebido nesta entrevista. Quando alguns alunos

foram convidados para conversar, Emerson, embora tímido, logo se ofereceu para participar.

Conforme opinaram os alunos, os professores e funcionários estão sempre prontos a ouvi-los e ajudá-los no que for preciso, inclusive em problemas pessoais. Gilmara Machado da Silva, 16 anos, conta, satisfeita: "Quando a minha mãe estava doente, o professor Jandir e o Rodrigo do RH foram lá em casa ver se eu não precisava de nada".

Esse entrosamento acontece naturalmente pela convivência do dia-a-dia, mas também em atividades com objetivo de socialização. Passeios e encontros são promovidos nos finais de semana e, mensalmente, é rezada uma missa na capela da empresa. Durante o horário de aula, acontecem palestras sobre drogas, doenças sexualmente transmissíveis, relacionamento familiar, entre outros assuntos.



Laboratório: Alunos colocam em prática a teoria

Para o professor da escola, Jandir Lúcio Dill, o tratamento dispensado aos alunos é parte da filosofia da empresa que "não trata seus funcionários só como mais alguém que faz parte de todo o processo".

O maior problema é o fim do curso. Sabe-se que o mercado de trabalho não tem espaço para todos.

"A gente procura incentivar, mostrando que a Parks é só o primeiro passo, para que eles não parem de estudar", diz Jandir.

A Linck orienta os integrantes do Projeto Pescar neste sentido. Antes da formatura do ano passado, foram enviadas 126 malas-diretas para empresas do ramo de eletrônica. A Parks também organiza o currículo de cada aluno e o deixa arquivado para que o busquem quando for preciso.

A empresa faz questão de acompanhar os alunos até dois anos depois de formados. Os contatos são feitos através de questionários ou por telefone, como conta Jandir. "Muitos telefonam seguido porque criam uma grande afinidade com todos que trabalham aqui", relata.

Dos 56 ex-alunos da Parks, 70% estão empregados, sete deles na própria empresa.

Conseguir um emprego e continuar a estudar é o que todos pretendem. Emerson trocou o sonho de estudar contabilidade pela certeza de que vai fazer Engenharia Elétrica. Ana Paula quer cursar Administração. Paulo Sérgio quer mais. "Quero poder retribuir o que a minha mãe fez por mim", diz.

Se depender do apoio da Parks e do Projeto Pescar, seus sonhos vão se realizar. Agora que eles já aprenderam a pescar, basta ter persistência e não desanimar se o primeiro peixe for pequeno.

# Rock grande do sul

**alexandre schossler**

*Gravadoras locais, apoio das rádios e público crescente: é a vez dos gaúchos?*

*HI-FI*, o mais recente disco de Nei Lisboa (ver contracapa), marcou o retorno do artista ao mercado fonográfico depois de 5 anos — o disco anterior, *Amém*, é de 1993. Fechando um ano do seu lançamento, o disco está beirando as 15 mil cópias vendidas. Não é muito, mas é a segunda melhor tiragem de um disco de Nei (só perde para *Carecas da Jamaica*) e chegou a ser, por alguns meses, o campeão de vendas da gravadora Paradoxx. Com a quase totalidade de suas cópias vendidas no Rio Grande do Sul, *HI-FI* é, também, emblemático da situação atual do mercado gaúcho.

Na verdade, é possível estabelecer um paralelismo entre a carreira de Nei e o desenvolvimento do mercado local. Desde o primeiro disco, completamente independente, passando pelo sucesso nacional de *Verão em Calcutá*, a briga com a gravadora e a opção por Porto Alegre, a trajetória de Nei sintetizou o que foram os anos oitenta: início incipiente, sucesso meteórico e final melancólico, onde quem não se estabeleceu nacionalmente simplesmente teve de desistir.

Quando muitos já se assustavam com a perspectiva de que Nei Lisboa investiria numa sólida carreira de editor gráfico, vem o anúncio do contrato com a Paradoxx e o novo disco.

A verdade é que há uma situação nova no cenário local. Quando as bandas dos anos oitenta surgiram, não havia selos e gravadoras locais apostando nos artistas. Um dos símbolos da época, os Replicantes, lançou seu primeiro disco pelo Vortex, selo fundado — no melhor estilo punk — pela própria banda. Por fim, a maioria acabou contratada da BMG, e teve seus discos lançados pela *major*, com tudo o que isso traz de bom e de ruim. Em geral, trouxe mais coisas ruins do que boas. O fato, porém, é que não havia meio-termo: ou se lançava o disco por uma grande gravadora, ou se estava fora do mercado.

Hoje, a Graforréia Xilarmônica lançou seu segundo disco por um selo minúsculo de Porto Alegre, a Zoon Records, e é possível encontrá-lo

tanto nas lojas especializadas, como Toca do Disco, quanto na Multisom ou na Saraiva Megastore. No mesmo caminho estão Wander Wildner (pelo selo paulista Tinitus), Hard Working Band (Atração Fonográfica), Cowboys Espirituais (Matraca/Trama) e o veterano Mutuca, cujo disco sai pelo selo Barulhinho, ligado à Branco Produções. Também as grandes gravadoras investiram em selos especializados em pop-rock. A Virgin associou-se à Rock It!, selo carioca que lançou a Ultramen e está finalmente colocando no mercado o primeiro da Comunidade Nin-Jitsu. Segmentação é a palavra que melhor define a situação atual.

“Depois de muito trabalho, as coisas finalmente estão acontecendo”, assegura Raul Alborno, diretor artístico do selo Antídoto. É uma posição privilegiada para opinar. Selo roqueiro do grupo Acit, que sempre investiu no mercado gaúcho, a

Antídoto tem privilegiado o mercado local, com relativo sucesso. Seus discos têm variado entre 10 e 15 mil cópias vendidas, sendo que o maior sucesso do selo, os Papas da Língua, já venderam 35 mil cópias. A atual aposta do grupo, o Acústicos e Valvulados, teve show de lançamento no Dado Tambor, e conta com bom apoio das rádios locais, que têm executado o disco com frequência.

Para isso ocorrer até um antigo tabu gaúcho tem caído: o preconceito contra o artista local. Ainda que não se possa levantar os fatores, é fato que os ouvintes passaram a ligar para as rádios pedindo a execução de bandas de rock gaúchas. “A qualidade do trabalho melhorou”, arrisca Alborno. Kátia Suman, diretora de programação da Ipanema, concorda que a produção local ganhou espaço, mas ressalva: “até seis meses atrás só a Ipanema tocava”. É verdade, e saber se a onda irá ter continuidade é a grande incógnita.

“É importante que uma banda daqui estore nacionalmente”, diz Alborno, que aposta nos Papas da Língua. Para Felipe Di Martino, da produtora Sampaio Di Martino, uma banda não tem condições de se manter só com o mercado local. Mas ressalva afirmando que o mercado de shows é bom no Rio Grande do Sul. “As bandas nacionais, como J. Quest e Pato Fu, dizem que o mercado de shows deles é aqui”. Fechando o ciclo gravadoras-rádios-shows, os locais para apresentação cresceram nos últimos anos, tanto em Porto Alegre como no interior.

“É um mercado ainda incipiente”, diz Kátia Suman. “É um mercado que pode ser mais trabalhado, que ainda tem espaço para crescer”, afirma Alborno. Incipiente ou pequeno, o crescimento lento e gradual dos últimos anos é bem mais consistente que o estouro meteórico da década de oitenta. O que pode fazer a diferença.

divulgação



*Papas da Língua: 35 mil cópias vendidas do primeiro disco, lançado no ano passado*

# PoA baixinha, gordinha e careca

maísa del frari



## Nei Lisboa bate um papo sobre música e opções pessoais

maísa del frari

Antes da entrevista, eu esperava encontrar um cara fechado, tímido, introvertido. Mas Nei Lisboa, como sempre, surpreendeu. Foram duas horas de conversa – entrevista seria muito formal para definir nosso bate-papo – num barzinho, regada a algumas cervejas. Durante este tempo, Nei Lisboa falou sobre sua música, sua cidade, entre outras coisas. A imagem de tímido persistiu, mas Nei negou com sua receptividade ser avesso a entrevistas.

3x4: Tu poderias nos falar sobre tua opção por Porto Alegre, pois parece que tu tens a cara da cidade?

Nei Lisboa: A gente se identifica com a cara da cidade em que está morando. Como eu me mantive em Porto Alegre e tenho saído pouco nos últimos anos parece que as pessoas enxergam em mim um porto-alegrense. Não sei se sou um porto-alegrense típico, já ouvi muitas pessoas falarem isso. Mas o que é exatamente essa cara de Porto Alegre? Baixinho, gordinho e careca?

3x4: Tu fazes poucos shows fora daqui?

Nei Lisboa: Faz muito tempo que a minha política já é me restringir a Porto Alegre, ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Se tornou mais do que uma limitação, mas uma aceitação disto, enquanto estímulo, enquanto uma coisa até feliz, legal de administrar nesta altura da vida.

Escuto pouca música, coisas lá do fundo do baú.

3x4: A imagem do Nei Lisboa muito ligado a Porto Alegre é típica da minha geração (anos 90). Mas como era o Nei dos anos 80?

Nei Lisboa: Os anos 80 foram muito mais movimentados para mim, muito mais fora daqui. Eu gravei quatro discos, dois em São Paulo e dois no Rio. Cada um deles envolveu uma temporada grande lá fora. Demorava uns três meses gravando, mais dois divulgando... Fiz muito show, nenhum que fosse de sucesso, ou que ficasse na memória como uma coisa muito positiva.

3x4: E depois destes shows no Rio e em São Paulo tu chegaste à conclusão que Porto Alegre é teu grande público?

Nei Lisboa: É, eu acho que eu fui um pouco forçado a esta conclusão. Eu nunca me acertei de uma forma definitiva com as coisas do mercado da música em São Paulo e no Rio, saber lidar com a gravadora... Talvez porque não seja do meu temperamento.

Me restringir ao RS se tornou mais do que uma limitação, mas uma aceitação disto.

3x4: Tu poderias falar um pouco sobre o mercado da música em Porto Alegre?

Nei Lisboa: Porto Alegre tem acumulado gerações que, no mínimo, estão tentando, algumas mais antigas, o pessoal das bandas dos anos 80, o pessoal dos anos 90, um monte de cantores e cantoras, etc. E outras bandas que não de rock, tem uma montanha de gente fazendo música em Porto Alegre com uma característica bem daqui, que é muito legal. Agora sim está se tomando claro para muita gente, inclusive para mim mesmo, que é uma diversidade inédita, tu não vais encontrar em outro lugar tanta coisa diferente sendo feita ao mesmo tempo, do hip hop aos músicos da noite, do samba ao rock, etc.

3x4: E agora, na música de Porto Alegre, o que tu mais gostas de ouvir?



Nei Lisboa: Eu escuto muito pouca música, eu escuto umas coisas lá do fundo do baú, que eu tenho há vinte anos e estou trocando por CD agora.

3x4: E quais são as tuas influências?

Nei Lisboa: Eu acho que estão um pouco resumidas no Hi-Fi, de um lado, que é o lado da música americana. De outro, o baiano... aquela época dos anos 70, a época da adolescência eu acho que é a época em que a gente realmente se gruda na música. O Zé Ramalho faz parte da minha vida. Principalmente Gilberto Gil e Caetano, Chico Buarque. Mas o que me influenciou, de fato, que é que está presente no que eu faço, que tu possas dizer assim: ah!, isto aqui ele pegou do fulano de tal, isso eu não sei dizer. Não faço nada parecido com o Zé Ramalho. Ou faço, até, e não enxergo.

## discografia

*Pra Viajar no Cosmos Não Precisa Gasolina* (1983, independente, depois relançado pela ACIT)

*Noves Fora* (1984, ACIT)

*Carecas da Jamaica* (1987, EMI-Odeon)

*Hein?!* (1988, EMI-Odeon)

*Eu Visito Estrelas* (1992, ACIT, coletânea dos dois primeiros)

*Amém* (1993, RBS/Som Livre)

*Hi-Fi* (1998, Paradoxx)

UFRGS/FABICO/BIBLIOTECA

Fone: (51) 3308.5068 - 3308.5152 bibfbc@ufrgs.br